



Setor sucroalcooleiro: crescimento e consolidação

O Projeto Safra, desenvolvido pela Canaplan desde 2002, sempre teve como premissa o “olhar” sobre o setor canavieiro de forma integrada. Com isso oferece mais do que projeções e perspectivas para a safra entrante. Oferece elementos que servem de base para o planejamento estratégico e operacional das unidades produtoras em médio e longo prazos.

A amostra para o trabalho está concentrada na região Centro-Sul, a maior produtora de cana-de-açúcar do país. São 128 unidades de produção, que moem 248 milhões de toneladas por ano, 50% do total da região, e que mensalmente fornecem dados operacionais para que o diagnóstico da safra seja o mais aproximado possível da realidade, apontando tanto tendências agrícolas quanto econômicas.

Para a safra 2010/11, a consultoria estima que a região Centro-Sul moa 593 milhões de toneladas de cana-de-açúcar, 9,6% a mais do que na safra 2009/10, 541 milhões de toneladas. Mas o desafio de prever a safra está cada ano mais complicado, tanto pela inconstância do clima quanto pela dificuldade de precisar a capacidade

de processamento de matéria prima na região.

Há mais cana que moendas. Além disso, a quantidade de cana bis, aquela que não foi colhida na safra anterior, significa uma safra mais longa e menos eficiente. O crescimento da produção no campo será bem maior que o crescimento da capacidade instalada, estimada pela Canaplan em até 2%. Dez novas unidades industriais devem entrar em operação e outras 10 usinas, já instaladas, aumentarão a produção de açúcar.

A soma de tudo isto pode significar, segundo Luiz Carlos Corrêa Carvalho, custos adicionais aos produtos finais: “o desequilíbrio dessa safra deve ser parecido com a passada, e mostra com mais clareza que será necessário um tempo maior para a volta dos investimentos necessários, tanto no campo quanto na indústria”, afirmou Carvalho.

O mix de produtos deve ficar muito próximo ao do ano passado. A matéria-prima será destinada 43% para a produção de açúcar e 57% para o etanol, tudo em função do consumo interno de etanol e do reequilíbrio da oferta mundial de açúcar. A produção

de açúcar deve ficar entre 32,1 milhões de toneladas e 34,9 milhões. Já a produção de etanol fica entre 26 e 28 bilhões de litros.

“A recuperação ocorreu, mas não de forma uniforme”, disse Alexandre Figliolino, do Itaú/BBA, que falou sobre a lógica da concentração setorial. Segundo ele, ao final da próxima safra o setor já estará num nível adequado de alavancagem, recuperando a capacidade de investimento. “O setor está próximo da consolidação. Os novos players estão definidos. As grandes transações estão no final, já que os maiores grupos buscam investimentos em moagem superiores a 30 milhões de toneladas”. Quanto ao crescimento da participação do capital estrangeiro, completou: “há 5 anos a participação dos 5 maiores grupos no setor representava 12%. Hoje é de 27%, e daqui a 5 anos será de 40%”. O cenário é favorável, principalmente em função do reconhecimento pelos Estados Unidos de que o etanol brasileiro é um combustível avançado, o que assegura no futuro uma importante demanda no mercado americano. As cartas estão na mesa.



Público formado por técnicos das áreas agrícola e administrativa de usinas

Agrishow – uma a

Foi um concurso de redação que propiciou que 55 alunos, de 55 escolas municipais, de 13 cidades da região de Ribeirão Preto visitassem a Agrishow 2010, a maior feira de tecnologia agrícola em ação da América Latina. Eles são participantes do Programa Educacional "Agronegócio na Escola", que como primeira atividade do ano promoveu o concurso para detectar o grau de percepção deles sobre o agronegócio.

O tema da redação foi baseado na afirmação de Alan MacDiarmid, Prêmio Nobel de Química em 2000, que em diversas ocasiões, inclusive em uma visita a São Carlos, para a cerimônia de lançamento da pedra fundamental do Laboratório de Nanotecnologia da Embrapa Instrumentação Agropecuária, repetiu que os dez maiores problemas que a humanidade enfrentará no horizonte de 2050 são: ENERGIA, ÁGUA, ALIMENTOS, MEIO AMBIENTE, POBREZA, EDUCAÇÃO, DEMOCRACIA, POPULAÇÃO, DOENÇAS E TERRORISMO/GUERRA. A pergunta para os alunos foi: O agronegócio pode contribuir para a solução de alguns destes problemas?"

Os alunos selecionados não foram necessariamente os que "acertaram" na resposta, que conseguiram enxergar o agronegócio não apenas como "fornecedor" de alimentos, mas como um aliado na preservação dos recursos naturais, gerador de energia limpa e indutor do desenvolvimento. Alguns alunos negaram muitas destas premissas e justamente por isto foram escolhidos, para que, conhecendo melhor o setor, possam "formar" opinião sem influência apenas daquilo que ouviram falar.

Acompanhados de seus professores responsáveis os alunos começaram a visita pelo estande do Ministério do Desenvol-



vimento Agrário. Conheceram alguns programas governamentais voltados para o pequeno produtor. Receberam explicações sobre o papel das instituições financeiras no setor. A Diretora Executiva da ABAG/RP, Mônica Bergamaschi, falou sobre o conceito de agronegócio: tudo o que acontece antes, dentro e depois das porteiras das fazendas. Explicou que eles veriam tecnologias desenvolvidas para todos os elos das cadeias produtivas do agronegócio. Assim perceberiam como o desenvolvimento tecnológico levou o setor ao patamar de importância que ocupa hoje na economia brasileira.

Vestindo camisetas e bonés do Programa o grupo percorreu quilômetros de ruas e avenidas sem reclamar, prestando atenção em tudo, principalmente nas explicações que eram oferecidas em cada uma das empresas visitadas, todas associadas à ABAG/RP. Acostumados a receber os estudantes do Programa Educacional "Agronegócio na Escola", os associados não fizeram nenhuma



preparação especial, apenas esperaram que os jovens dessem o tom da visita.

Na Jumil Implementos Agrícolas, que tem sua fábrica em Batatais, os alunos foram recebidos por Rubens Moraes, filho de um dos fundadores da empresa. Bem humorado e atento, Rubens começou comparando os equipamentos que o grupo havia visto no Ministério do Desenvolvimento Agrário: "A matraca

que vocês viram por lá, ainda é usada no plantio. Ela foi um grande avanço no passado. Aqui vocês vêem estas plantadeiras enormes, mas não se iludam. O que a Jumil mais vende são equipamentos para pequenos e médios produtores. A tecnologia é a mesma para todos, o que muda mesmo é o tamanho". Rubens esperou pelas perguntas, como elas não vieram emendou: "Alguém sabe o que é plantio direto?". E a resposta veio, correta, por parte de uma professora. Rubens continuou: "foi a partir desta feira que o plantio direto começou a ser difundido. A tecnologia muitas vezes está em uma ideia simples, porém revolucionária e eficiente".

Depois desta abertura o grupo se sentiu mais a vontade para fazer as perguntas que estavam na cabeça há muito tempo. Na Santal, empresa que nasceu há 50 anos em Ribeirão Preto para atender a mecanização do setor canavieiro, as perguntas começaram afiadas: "Quantos trabalhadores a máquina substitui?", "O que acontecerá com estes trabalhadores?", "Quanto custa a colhedora?" As respostas foram dadas pelo engenheiro agrônomo Marco Gobesso, mas o que eles queriam saber mesmo era que tipo de profissional a Santal emprega; onde buscar qualificação; salário na indústria e no campo... Gobesso descreveu praticamente todas as especializações necessárias, de



“Agronegócio na Escola” - 10 anos

Formula de tecnologia

nível médio ou superior, e completou reforçando que ainda falta essa mão de obra especializada no mercado.

Na Marchesan Implementos e Máquinas Agrícolas “Tatu”, de Matão, e na Tracan, de Ribeirão Preto, os alunos viram o que é o empreendedorismo. Foi o próprio fundador da Marchesan, antiga Oficina Brasil, seu Armando Marchesan, foi quem recebeu os alunos e professores. Lembrou de quando desenrolava, ladeira abaixo, em 1946, os rolos de chapa de aço para fazer os implementos, ainda simples, para tração animal. Foi uma aposta já antevendo o futuro da agricultura brasileira. A Tracan é uma empresa mais nova, de 1999. Seu fundador, Artur Monassi, tinha em Ribeirão Preto uma empresa



que fabricava freios para tratores. Com a mecanização no setor canavieiro montou uma revenda de tratores e colhedoras, e depois uma indústria que produz plantadoras e transbordos para cana. São empresas que enxergaram o mercado e hoje são grandes empregadoras antes e depois das porteiras das fazendas.

A tarde foi reservada para as demonstrações de campo. O uso do GPS na plantadora e na colhedora impressionou o grupo. As máquinas seguiam sozinhas entre os cones, sem intervenção do piloto, que apenas trocou o chip com a programação de uma para a outra. A colheita de soja também impressionou. Os meninos e meninas que nunca haviam sequer se imaginado numa feira como a Agrishow, e muito menos podendo ser parte do setor, começaram a traçar planos para o futuro.

A professora de geografia da cida-

de de Ituverava, Cátia Comar, disse que saiu da feira com uma visão mais ampla sobre o setor. “As versões de alguns livros que ainda separam pequena e grande agricultura, bem como setor primário, secundário e terciário estão ultrapassadas. É preciso rever os conceitos, entender a múltipla função da agricultura de hoje”.

O professor de matemática de Ribeirão Preto, Mateus de Barros, saiu da feira entusiasmado. Chegou com algumas dúvidas: “Se o setor é tão grande porque eu e meus alunos sabemos tão pouco? Como

eles, tão jovens, podem entrar neste mercado? Por que a cidade não fala mais da Agrishow?” O professor Mateus, que se formou em matemática no ano passado e estreou no magistério neste ano, disse que não esperava aproveitar tanto a visita. Ele não tinha noção do conceito de cadeia produtiva e do uso da tecnologia pelo setor. No final disse que o desdobramento da visita já estaria em sala de aula no dia seguinte. Os conceitos de geometria, área, velocidade ganharam novos exemplos práticos para serem estudados: “As pessoas falam que o aluno de hoje é desinteressado. Não é. Ele é antenado. Eu, em sala de aula é que preciso dar uma aula interessante, sair da velha fórmula giz e lousa”.

O aluno Emerson Luca de Oliveira, de Ribeirão Preto, disse que da sua escola dá para ver as plantações ao longe, e que a conclusão que chegou após a visita diz respeito ao meio ambiente: “a agricultura moderna protege, não destrói. Mais tecnologia é mais proteção”. A aluna da cidade de Guará,



Ana Sara Barbosa, disse que pesquisou muito para escrever a redação, mas não esperava uma surpresa tão grande: “É tudo muito maior. Ver nas fotos e na TV é diferente do que ver de perto. Foi uma verdadeira aula”.

O Programa Educacional “Agronegócio na Escola” será desenvolvido nas escolas da região de Ribeirão Preto até o mês de novembro. A próxima etapa será a capacitação dos professores, com a palestra do Coordenador do Centro de Agronegócios da Fundação Getúlio Vargas, Roberto Rodrigues, e visitas às empresas associadas à ABAG/RP. Depois de capacitados os professores tratarão do assunto em sala de aula, com a proposta de abordar o tema de forma transversal.

O agronegócio será tratado por todas as áreas do conhecimento dentro da grade curricular padrão, porém usando os exemplos práticos do dia-a-dia das empresas e os novos conhecimentos adquiridos, para ilustrar e motivar as aulas.



Sertãozinho: *agricluster* perfeito da cana-de-açúcar

Foto: divulgação Prefeitura

Em 2006 o PIB de Sertãozinho crescia em ritmo chinês, 9% ao ano, enquanto o brasileiro crescia 2,9%. Em 2010 quando os especialistas apontam um crescimento de até 7% para o país, quanto pode crescer o PIB de Sertãozinho? Para esta resposta a administração municipal não quer arriscar nenhum palpite. Prefere citar outros números, já que a cidade ainda se recupera da crise mundial que afetou significativamente a indústria metalúrgica e a agroindústria canavieira, bases da economia local.

Mesmo assim os números são impressionantes. O valor adicionado do município cresceu 27% entre 2007 e 2009. Passou de R\$ 1,91 bilhão para R\$ 2,48 bilhões, o que elevou o índice de participação do município de 0,332 para 0,341. Nas exportações o crescimento também foi grande no período. Passou de US\$ 157 milhões para US\$ 290 milhões. Tudo isto se reflete na geração de novos postos de trabalho: 11.000 de 2005 a 2009, e pouco mais de 4.000 nos primeiros quatro meses de 2010.

Sertãozinho continua sendo um dos melhores exemplos de *agricluster* no Brasil. Soube construir vantagens competitivas para a centenária cultura da cana-de-açúcar, que teve seus primeiros engenhos de aguardente, rapadura e melão montados no final do século XIX. O primeiro grande engenho, o Central, construído por Francisco Schmidt no início do século XX está intacto, porém desativado. Em compensação o desenvolvimento tecnológico para o setor é maior a cada dia. Das 550 indústrias existentes na cidade, 450 estão diretamente ligadas ao setor sucroalcooleiro, oferecendo o que há de mais moderno não apenas para as 7 usinas de açúcar e etanol da cidade, como também para todo o Brasil.

Sertãozinho, com seus 113 mil habitantes, está entre as 10 primeiras cidades do país. O IDHM, Índice de Desenvolvimento Humano Médio, é de primeiro mundo, 0,833. Com o orçamento municipal baseado em arrecadação própria, 27% vêm do ICMS, 15% do ISS, e 10% do



O Trem da Cana sairá da antiga estação e chegará ao Engenho Central, desativado, porém intacto.

IPTU e 48% oriundos de repasses federais e estaduais, a administração sabe o quanto pode investir e como. Saúde e educação são prioridades.

O investimento em educação é de quase 30% do orçamento. Responsável pelo ensino infantil e fundamental o município tem investido na qualidade do ensino oferecido aos alunos, por meio da capacitação e melhoria dos salários dos professores. Segundo o Prefeito Nério Costa, os jovens precisam estar preparados para o futuro, precisam conhecer e valorizar a economia local e regional. Por isto fez questão que a rede municipal de ensino aderisse ao Programa Educacional "Agronegócio na Escola".

"Os jovens acabam saindo da cidade para estudar ou trabalhar, deixando espaço para que trabalhadores de outras regiões ocupem seus lugares. O ensino técnico e os cursos superiores voltados para o setor sucroalcooleiro têm que ser valorizados. Temos aqui em Sertãozinho o que há de melhor no Estado: Etec, Senai, Fatec, Cefet, para citar apenas alguns", disse Costa.

Sertãozinho tem sofrido nos últimos cinco anos com a falta de mão de obra especializada. Técnicos de outras regiões têm sido contratados, a peso de ouro, para suprir a demanda das empresas metalúrgicas ligadas ao setor sucroalcooleiro. Técnicos experientes chegam a ter salários de até

R\$ 6.000,00, e os iniciantes começam na faixa dos R\$ 1.500,00. A cidade atravessa um momento muito especial de crescimento. Um sexto distrito industrial está sendo implantado no distrito de Cruz das Posses, onde o trabalho rural predomina entre seus 11.000 moradores. A intenção é qualificar esta população para atender a demanda de empregos industriais que acontecerá com a instalação de cerca de 50 novas indústrias. Segundo a administração municipal os lotes estão sendo vendidos a preço de custo, R\$ 24.000,00 por 500m², para atrair empresas, antecipando a recolocação profissional das pessoas atualmente empregadas no corte manual da cana.

Em Sertãozinho a cana-de-açúcar é motivo de confiança e orgulho. Confiança de um futuro promissor, e orgulho de um passado que trouxe prosperidade ao presente. A memória está garantida com a revitalização de uma estrada de ferro que abrigará o "Trem da Cana". O trajeto turístico ligará a antiga estação da cidade até o ramal construído em 1906, para então escoar o açúcar da Fazenda Vassoural. Na Fazenda está o Engenho Central, preservado exatamente como Francisco Schmidt montou, e cujos donos atuais pretendem transformar no Museu Nacional do Açúcar e do Alcool. Sertãozinho é passado, presente e futuro no mesmo trilho.